



**WORDS
OF RIVERINE
WOMEN**

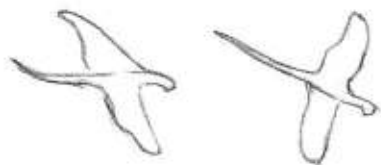
Iriri, Amazon

zazie

**PALAVRA
DE MULHER
RIBEIRINHA**

Iriri, Amazônia





organização

Satya Maia Patchineelam

PALAVRA DE

zazie

MULHER RIBEIRINHA

Iriri, Amazônia

1ª EDIÇÃO



Magado A
Banco das dama
erro Cin
Farinha
Índio b
Mana
Palafita
Queimada
Resex Reserva
Salgar
Tá ce



Arrear panela

as Canela
turinha de pilão

Gar

bravo caboclo

Óleo de babaco

Pedral

Rede

Reza

Sequidão

edo

Teto

© Zazie Edições

©Humanities Across Borders / River Cities Network
(International Institute for Asian Studies)

EDITORAS RESPONSÁVEIS

Laura Erber

Maria de Andrade

PROJETO GRÁFICO

Anderson Junqueira

IMAGEM DA CAPA

Satya Maia Patchineelam

FOTOS E ILUSTRAÇÕES

Satya Maia Patchineelam

PREPARAÇÃO

Angela Ramalho Vianna

REVISÃO DA VERSÃO EM INGLÊS

Pedro Vainer

REVISÃO

Cecilia Andreo

TRATAMENTO DE IMAGENS

Vijai Maia Patchineelam

zazie

Zazie Edições e Produções Culturais

Zazie Sharing Knowledge for Democracy

r. Goethe, 5 / 301 - Rio de Janeiro / RJ - 22.281-020 - Brasil

zazie@zazie.com.br

www.zazie.com.br

Em memória de Raimunda Gomes, uma das mais longevas habitantes da região ribeirinha do Rio Iriri. Dona Raimunda, portadora de uma rica herança de sabedoria, era uma fonte de histórias e lendas sobre a região. Com imenso respeito, notificamos sua partida, ocorrida poucos dias após a aprovação deste projeto.

Sumário

12	PREFÁCIO Aarti Kawlra
16	ALGUMAS PALAVRAS Paul Rabé
20	INTRODUÇÃO Satya Maia Patchineelam
26	40 PALAVRAS
71	FOTOS/PHOTOS
106	FOREWORD Aarti Kawlra
110	A FEW WORDS Paul Rabé
114	INTRODUCTION Satya Maia Patchineelam
120	40 WORDS

COLEÇÃO
Livros de
Palavras

Esta publicação é uma iniciativa do Humanities Across Borders (HAB) do Instituto Internacional de Estudos Asiáticos de Leiden, Holanda, um programa que desenvolve práticas pedagógicas colaborativas e promove saberes enraizados na experiência local, fundamentais para a participação em uma sociedade cívica global.

Na primavera de 2023, o HAB lançou o projeto da Coleção Livros de Palavras, produto das interações linguísticas entre pesquisadores do HAB no Brasil, Índia, Holanda e Mali, juntamente com seus colaboradores locais. Os Livros de Palavras do HAB habitam o mundo intermediário das palavras (substantivos, verbos e frases) conforme são faladas e utilizadas em diferentes contextos socioculturais e geográficos. Diferentemente de dicionários, glossários e léxicos, os Livros de Palavras tornam visíveis as rotinas comunicativas e práticas afetivas (como recordar, ansiar, revelar, recontar, atravessar, negociar), que fazem parte da troca de fala cotidiana.

Prefácio

AARTI KAWLRA

Coordenadora do Humanities Across Borders
Programme/International Institute for Asian Studies

Palavras de mulheres ribeirinhas é um dos primeiros de uma série de Livros de Palavras iniciada pelo International Institute for Asian Studies (IIAS), cuja sede está em Leiden, na Holanda. Cada um desses glossários é composto de uma seleção de palavras ouvidas em conversas prolongadas com comunidades, em contextos diversos, na Ásia, África, Europa e nas Américas. Como compilações multilíngues, os Livros de Palavras são exemplos de como espaços de diálogo, quando cultivados palavra por palavra, transformam-se em veículos de significado compartilhado entre o discurso dos pesquisadores e os saberes de seus colaboradores locais.

Ao habitar a distância entre mundos, cada glossário propõe um tecido de emoções, inten-

ções e significados gerados por meio de conversas e discussões informais realizadas em grupo, assim como entrevistas com indivíduos em seu próprio ambiente socioecológico. Cada enunciado linguístico escolhido aqui é um mundo por si só, revelando histórias palavra por palavra, para ajudar a derrubar barreiras na troca interpessoal, intercultural, e lançar luz sobre o mundo de vida dos próprios falantes.

Palavras de mulheres ribeirinhas é o resultado de uma colaboração de longa data entre dois programas promovidos pelo IIAS, que desenvolvem abordagens comunitárias no ensino superior. Tanto o programa Humanities Across Borders (HAB, <https://humanitiesacrossborders.org/about>) quanto a River Cities Network (RCN, www.rivercities.world/about) envolvem indivíduos e instituições com o objetivo de construir relações baseadas em mutualidade com seus parceiros cívicos. Ambas as iniciativas trabalham em espaços de confluência criativa entre academia e sociedade, com o intuito de incorporar a perspectiva da experiência vivida à produção e disseminação de conhecimento.

No entanto, é o solo nutritivo do IIAS que nos permite unir forças e colaborar, não apenas entre nós, mas também com a Zazie Edições, que projetou e produziu o livro agora acessível em edição bilingue, em português e inglês. Apresentada a nós por sua cofundadora, Laura Erber, que integra a equipe do IIAS, a Zazie é uma editora que consideramos de vanguarda, trabalhando com modelos editoriais alternativos e disseminando artistas e escritores radicais no Brasil.

As fotografias de Satya Patchineelam aqui incluídos proporcionam aos leitores uma sensação de lugar e pertencimento a cada uma das 40 palavras narradas neste livreto. Finalmente, o vínculo de longo prazo de Satya com as mulheres das regiões dos rios Iriri e Xingu, no Pará, sem dúvida é o alicerce que eleva este simples experimento metodológico baseado na descrição de palavras.

Algumas palavras

PAUL RABÉ

Coordenador da River Cities Network

A River Cities Network (RCN), que abriga o projeto de pesquisa de Satya Maia Patchineelam no rio Xingu, no Pará, tem orgulho de colaborar com o programa Humanities Across Borders (HAB) e a Zazie Edições neste glossário que reúne “palavras de mulheres ribeirinhas”.

A RCN congrega equipes multidisciplinares de todo o mundo, unidas pelo desejo de revitalizar seus rios ou corpos d'água locais por meio de uma combinação de pesquisa e etnografia, pedagogia, ativismo e intervenções localizadas. A RCN responde às crises complexas e inter-relacionadas enfrentadas pela maioria dos rios e corpos d'água no mundo hoje, especialmente aqueles em e ao redor das cidades, onde a degradação do rio causada pelos impactos antropogênicos é mais severa.

Os rios funcionam como artérias no corpo, fornecendo aos ecossistemas mundiais recursos essenciais de água doce que sustentam uma biodiversidade mais variada por quilômetro quadrado do que quase qualquer outro ecossistema do planeta. Esses corpos d'água únicos também desempenham um papel fundamental na vida econômica e sociocultural das comunidades humanas, tanto na história e sua formação quanto no presente. E, no entanto, a relação entre os seres humanos e seus rios hoje está gravemente ameaçada. Rios, riachos e canais estão sendo enterrados, fragmentados, desviados, minerados e poluídos, ameaçando inúmeras espécies e pondo em risco a segurança alimentar, os meios de subsistência e as tradições culturais de milhões de pessoas. Esses desafios são agravados pelas mudanças climáticas, na forma de enchentes, secas e níveis e qualidade da água imprevisíveis.

A filosofia da RCN é abordar rios e corpos d'água como fenômenos socionaturais – como artérias naturais moldadas ao longo dos séculos por esforços humanos, tanto construtivos quanto destrutivos. Nossos objetivos comuns são forta-

lecer a biodiversidade dos ambientes ribeirinhos e melhorar a justiça para as comunidades ribeirinhas, para seres humanos, flora e fauna. Estamos convencidos de que restaurar a saúde de nossos rios requer conhecimento e ações que envolvam todas as disciplinas, e evidentemente todos os interessados ribeirinhos. É essa diversidade de envolvimento, a descoberta de diferentes histórias e vozes, que está no cerne do trabalho da equipe do rio Xingu na RCN. É minha esperança que este glossário possa orientar e inspirar as outras equipes em nossa rede, e muito mais.

Introdução

**SATYA MAIA
PATCHINEELAM**

Membro da River Cities Network e
coordenadora do projeto de pesquisa
que deu origem a este livro.

O que me motivou a retornar ao rio Iriri foi a necessidade de escutar as vozes das mulheres mais antigas da região, coletando histórias, mitos, contos e experiências delas.

Durante minha trajetória de doutorado, enquanto entrevistava membros das famílias da região do rio Xingu, entendi que muitas daquelas famílias vinham originalmente do rio Iriri e que as pessoas mais idosas ainda viviam naquela região. Diferente do Médio Xingu, em que comportamentos e modos de vidas ribeirinhos foram mais visivelmente alterados em razão da construção da barragem de Belo Monte, as mulheres do rio Iriri ainda seguem uma tradição ribeirinha muito forte, que envolve costumes, gestos e formas de expressão. As mulheres do rio Iriri, como escolhi

chamá-las aqui, vivem com pouco contato com os centros urbanos, o que certamente foi importante para a manutenção de alguns de seus costumes.

Para entender as transformações e o impacto negativo que ocorreram no rio Xingu após a construção da hidrelétrica de Belo Monte, decidi visitar o rio Iriri e interagir com comunidades que não foram tão afetadas pela ruptura do rio. Essa experiência possibilitou uma compreensão mais clara das condições prévias e posteriores à formação do reservatório. É importante dizer que este projeto se concretizou somente após a apresentação da proposta para a comunidade ribeirinha do rio Iriri. De início, eles se mostraram desconfiados sobre a intenção do projeto e preocupados com a possibilidade de que este fosse mais um exemplo de extração de informação sem consequência ou retorno para eles. Quando foi explicado que o resultado seria um volume tecido pelas vozes de mulheres ribeirinhas e que os livros seriam enviados para cada comunidade e escola da região, concordaram que eu e minha equipe entrássemos na Reserva Extrativista (Resex) Iriri.

Trabalho com as mulheres ribeirinhas do rio Xingu há quase uma década, o que me permitiu entender sua linguagem e seu modo de se expressar. Como e quando as palavras são usadas e como elas estão entranhadas em suas visões de mundo. A pesquisa de campo foi realizada em paralelo com a coleta de dados da pesquisa da River Cities Network, em 2023. Eu e minha equipe viajamos de Altamira até a comunidade do Triunfo, no rio Iriri, onde estava situada a casa de dona Raimunda Gomes e sua família. Dona Joana Gomes, a filha de dona Raimunda, faz parte da equipe e há 43 anos não retornava à sua comunidade. Ela deixou Iriri aos 15 anos e se mudou para cidade de Altamira com seu marido, Lindolfo Aranha.

Com dona Joana Gomes e seu Lindolfo Aranha, saímos da comunidade Triunfo, descendo o rio em direção à cidade de Altamira, visitando todas as comunidades onde vivem as mulheres mais antigas na região. Tivemos a oportunidade de escutar as histórias dessas mulheres e de dividir uma refeição ou um copo de café com elas, e até de permanecer um ou dois dias em suas comunidades. Para a grande maioria das mulheres,

era a primeira vez que estavam sendo entrevistadas ou falavam com pesquisadores. Foi uma experiência única de aprendizagem e vivência para todas as pessoas envolvidas.

Durante o período de pesquisa de campo coletei 40 palavras e expressões que escutei com frequência. A língua usada era o português, e muitas das palavras coletadas são de amplo conhecimento e utilizadas em outras regiões do Brasil. No entanto, algumas delas parecem ser mais específicas do contexto das conversas e da vida ribeirinhas.

As fotos aqui incluídas foram tiradas dentro e fora do barco, dentro e fora das comunidades. Nas caminhadas dentro da floresta e na roça, durante as refeições e os cafés. Representam os momentos e espaços em que a coleta de dados aconteceu. O mapa adicionado ao livro representa elementos que foram constantemente referidos e vistos na trajetória até as comunidades. Diversos elementos aludidos pelas palavras estão presentes no mapa.

Gostaria de agradecer às famílias ribeirinhas que abriram suas portas, nos permitindo dividir um dia ou mais com suas famílias.

Em especial, gostaria de agradecer a dona Joana Gomes por ter me acompanhado e aberto portas que eu nunca conseguiria abrir; seguida por seu Lindolfo Aranha, por ter cuidado da gente, e Geysiane Costa e Silva, pelo espírito de colaboração e pelo seu valioso conhecimento.

Deixo aqui registrado o meu apreço pelas mulheres ribeirinhas que dividiram suas histórias e memórias conosco: dona Marlene e dona Marilene (comunidade Triunfo), dona Cleia (comunidade Cachoeirinha), dona Maria (comunidade São Lucas), dona Lindalva (comunidade Nova Olinda), dona Mocinha (comunidade Barro Vermelho) e dona Raimunda (comunidade São Francisco).

Foi um privilégio ter escutado as mulheres das comunidades do rio Iriri e dividir um pouco do dia a dia com elas.

40 palavras*

* Nos verbetes, as palavras grafadas em *itálico* indicam remissão a outros verbetes.

- | | |
|-----------------------------|-----------------------|
| 1. Alagado | 20. Onça |
| 2. Alagar | 21. Palafita |
| 3. Arear panela | 22. Parteira |
| 4. Arranchar | 23. Pedral |
| 5. Banco das
damas | 24. Porto |
| 6. Calça | 25. Queimada |
| 7. Canela de ferro | 26. Rancho |
| 8. Castigo | 27. Rede |
| 9. Cinturinha
de pilão | 28. Regatão |
| 10. Cofo | 29. Resex/
Reserva |
| 11. Farinha | Extrativista |
| 12. Fogão de
barro | 30. Rezador |
| 13. Garimpo | 31. Roça |
| 14. Garrafada | 32. Salgar |
| 15. Índio bravo/
caboclo | 33. Samaúma |
| 16. Jirau | 34. Sequidão |
| 17. Mana | 35. Seringueira |
| 18. Mariscando | 36. Tá cedo |
| 19. Óleo de
babaçu | 37. Tauba |
| | 38. Teto de palha |
| | 39. Tracajá |
| | 40. Tratar |

Alagado Alagar A
Banco das dama
erro Castigo Cin
Cofo Farinha Fog
Garrafada Índio b
Mana Mariscand
Onça Palafita Par
Queimada Ranch
Resex/Reserva E
Roça Salgar Sam
Seringueira Tá ce

Arrear panela Arra
s Calça Canela
turinha de pilão
gão de barro Gar
bravo/caboclo Ji
o Óleo de babaç
rteira Pedral Por
no Rede Regatã
xtrativista Reza
maúma Sequidã
edo Tauba Teto

Alagado

Expressão usada quando o barco vira no rio ou alguém cai e quase submerge, ou realmente se afoga.

Alagar

A água sobe enchendo os rios e invadindo as casas. Durante o período de chuva, o nível dos rios se eleva, tomando as margens, escondendo os pedrais e invadindo o terreno das famílias. Pode ser até que as águas entrem nas casas. Nessa época, fica mais fácil navegar nos rios.

Arear panela

Costume das mulheres ribeirinhas de esfregar areia nas panelas para deixá-las brilhando. Esse hábito mostra capricho, e as mulheres aproveitam para expor suas panelas areadas para as visitas.

Arranchar

Nos dias de viagem de barco, são selecionadas ilhas onde as pessoas arranchar durante a noite. Esses locais têm árvores grandes, com troncos longos, para aguentar as redes cobertas com mosqueteiros, e um espaço parcialmente limpo para que os animais não cheguem muito perto. Algumas pessoas ficam ali mais de uma noite. Esses locais também são espaços de descanso.

Banco das damas

Banco construído em volta da área de dança, para que as mulheres se sentassem enquanto esperavam que os homens da festa as convidassem para dançar. Negar uma dança era proibido pela família. Mulheres descontentes com seus pares dançavam fora do ritmo ou pisavam nos pés dos homens para que estes não as chamassem novamente para dançar.

Calça

Para se proteger, as mulheres trocavam suas saias por calças e colocavam os cabelos para cima, disfarçando-se de homem, para trabalhar na roça. Enquanto isso, as crianças ficavam sozinhas, trancadas em casa. Essa era a forma que as mulheres criaram para se proteger do *índio bravo/caboclo*.

Canela de ferro

Mulheres muito trabalhadoras são chamadas de "canela de ferro", aquelas que se ocupam dia a dia com a roça. Essas mulheres faziam seus afazeres em casa e também labutavam na roça para prover sua família de alimentos, enquanto o marido estava trabalhando fora, provendo-a financeiramente.

Castigo

As pessoas diziam que os castigos eram dados por Deus. Quando alguém fazia algo de muito errado, Deus transformava essa pessoa em bicho. Quando não virava bicho, a pessoa tinha bicheira em alguma parte do corpo.

Cinturinha de pilão

Expressão usada quando uma jovem mulher exibía, através de seu vestido, uma cinturinha fina. As pessoas achavam isso elegante e falavam que essas mulheres tinham cinturinha de pilão.

Cofo

Os ribeirinhos constroem um cesto de cipó para colocar os itens colhidos durante o trabalho na roça. O suporte do cofo se encaixa nos ombros e no pescoço.

Farinha

A farinha é um item fundamental no prato do ribeirinho. Ela é consumida com peixe ou carne, arroz e feijão. Ou somente com peixe ou carne. A farinha é feita pela família ribeirinha. A mandioca é plantada e cultivada até sua extração, e elaborada depois de uma semana de trabalho árduo na casa de farinha. Algumas famílias produzem o suficiente para seu consumo, outras vendem o excedente.

Fogão de barro

Esse fogão era construído
somente pelas mulheres.
Elas saíam procurando barro
pela região para fabricar esse
aparato, que normalmente se
encontra fora da casa.

Garimpo

Muitos ribeirinhos, geralmente homens, trabalhavam em garimpos extraíndo ouro, enquanto as mulheres ficavam em casa com as crianças. Na maioria das vezes, quando a mulher trabalhava no garimpo, ela ficava responsável pela cozinha.

Garrafada

Mistura de raízes e plantas dentro de uma garrafa de água, preparada para ser bebida durante o dia. Essa mistura medicinal é usada para curar pedras nos rins, pressão alta, câncer, dores menstruais, diarreia e outros males.

Índio bravo/ caboclo

Indígena que não falava português na época em que os ribeirinhos ocuparam a área. Eles protegiam suas terras e atacavam as casas dos ribeirinhos, na maioria das vezes quando as mulheres e crianças estavam sozinhas, sem os homens.

Jirau

Mesa de madeira construída dentro da água do rio, perto do porto, onde as mulheres tratam os peixes, lavam a louça e as roupas.

Mana

Abreviação de irmã ou hermana.

No Iriri, é usada quando as mulheres reunidas interagem umas com as outras sem se chamar pelo nome próprio.

Mariscando

Para garantir o sustento, o casal ribeirinho pega seu barco e navega pelos rios a fim de pescar e ter comida para sua família.

Óleo de babaçu

Um serviço majoritariamente feito por mulheres é a extração do óleo do coco de babaçu. Os homens e as mulheres coletam os cocos de babaçu da roça, os homens carregam os cocos até o local onde as mulheres os quebram, separando a polpa e retirando o óleo para cozinhar. Esse óleo antigamente era usado somente pela família da mulher que o extraía. Hoje em dia ele já é comercializado.

Onça

A pele do felino era comercializada desde cerca de 50 anos antes de sua venda se tornar ilegal. Atualmente, o número de onças na região aumentou, e elas dividem o espaço com a comunidade ribeirinha. As pessoas temem e respeitam as onças.

Palafita

Moradia de madeira da floresta, construída pelos próprios ribeirinhos, com espaço entre o solo e o chão da casa, para que as águas que invadem o terreno durante a época chuvosa não entrem em casa.

Parteira

A parteira é chamada pelas mulheres das comunidades ribeirinhas para ajudar uma delas a parir. Geralmente ela é uma mulher, e responsável pelo nascimento da maioria das crianças da região. As parteiras sabem como lidar com problemas na gravidez e com a saúde das crianças. As ribeirinhas confiam no conhecimento dessas mulheres para terem seus filhos.

Pedral

Cadeia de pedras que aparecem durante a temporada seca do ano. Essas pedras são perigosas e temidas. Somente o piloto da região, que sabe bem a geografia das pedras, consegue navegar. Os pedrais escondem pequenos peixes (ornamentais), apanhados por aqueles ribeirinhos que são os melhores mergulhadores da região, que são comercializados para fora do país.

Porto

Local na beira do rio, em frente às casas, e área onde se estacionam os barcos. Lá fica o *jirau* para lavagem das roupas, *tratar peixe, arear panela*, e é onde as crianças brincam.

Queimada

Quando uma área é limpa para plantação. Para evitar a propagação do fogo sobre a vegetação, a área é separada da floresta. Essa técnica é usada para renovar o solo para o plantio de milho e mandioca e é realizada durante a época da *sequidão*.

Rancho

Assim se chamava o pagamento de homens e mulheres que trabalhavam na extração da borracha. Ao rancho eles podiam adicionar os produtos retirados da roça para a alimentação da família. O rancho também era vendido pelo *regatão*.

Rede

Os ribeirinhos dormem em redes, em vez de camas. É comum as casas dos ribeirinhos terem as vigas e os pilares aparentes para que sejam penduradas as redes e seus mosquiteiros em volta, protegendo as pessoas das picadas de insetos.

Regatão

Barco que passa nas casas dos ribeirinhos várias vezes por ano vendendo itens pessoais e domésticos que não são encontrados na floresta. Os trabalhadores do regatão aproveitavam e ensinavam as crianças ribeirinhas a ler e escrever. As crianças valiam-se da oportunidade, pois não havia escolas para elas naquela época.

Resex/ Reserva Extrativista

A Reserva Extrativista é uma área protegida com o intuito de preservar o modo de vida e a cultura das pessoas que ali moram. Uma forma de manter o modo de vida sustentável é utilizar os recursos naturais da área.

Rezador

Quando alguém está muito doente, o rezador é chamado para ir até a casa dessa pessoa e orar pela saúde dela. Acredita-se que o rezador consegue curar as doenças e até ajudar as mulheres durante um trabalho de parto difícil.

Roça

As famílias ribeirinhas têm um espaço para a roça da família. Verduras, árvores frutíferas e plantações diversas são cultivadas para a alimentação familiar. Alguns desses espaços são maiores e oferecem mais comida do que a família consome. Por isso, os ribeirinhos que não se encontram isolados conseguem comercializar o que produzem a mais.

Salgar

Com a falta de energia ou sua inconstância, por causa do gerador, usa-se o método de salgar o peixe ou a carne selvagem para que durem muito meses. O peixe ou carne são salgados e pendurados para secar ao sol. Uma vez esse processo concluído, o peixe e a carne selvagem podem ser guardados.

Samaúma

Árvore que guarda água dentro do tronco para consumo dos homens e alimento dos tracajás e peixes nos rios. Ela cresce perto das margens, e seus frutos caem direto nas águas, alimentando os animais aquáticos; o vento carrega as sementes, que vão fertilizar outras margens.

Sequidão

Na época do ano em que menos chove, o nível da água do rio baixa muito. Peixes e plantas morrem e as viagens de barco ficam mais difíceis e perigosas, por causa dos *pedrais*.

Seringueira

Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos homens e poucas mulheres saíram do Nordeste do Brasil em direção à floresta amazônica para extrair borracha, porque cresceu a demanda mundial deste produto. Pessoas trazidas pelos patrões com promessas de trabalho encontraram uma floresta densa e *índios bravos/caboclos*. Quando a guerra terminou, essas pessoas foram

deixadas ali pelos patrões e se viram forçadas a criar um modo de viver naquele ambiente. Conhecidos como soldados da borracha, esses homens criaram suas famílias na beira dos rios. Alguns se casaram, outros se juntaram, outros roubaram mulheres indígenas de suas famílias para construir suas vidas como ribeirinhos.

Tá cedo

As casas são localizadas no beiradas do rio Iriri, isoladas e distantes das cidades. Quando um visitante fala que tem que ir embora, a mulher geralmente fala: “Tá cedo!” – para que a pessoa mude de ideia e fique mais um pouco.

Tauba

Caixa anexada à cozinha da casa para lavar as louças, limpar e temperar os peixes. Coloca-se um balde d'água para facilitar o serviço. A água usada escorre direto para o solo.

Teto de palha

A casa dos ribeirinhos é coberta com a palha da palmeira de babaçu. Essa cobertura é trançada, num trabalho que leva tempo e paciência. Depois de três anos, o teto de palha tem que ser trocado.

Tracajá

Os tracajás estão por todo canto no rio Iriri. No mês de agosto, as fêmeas nadam até uma ilha com praias arenosas, cavam buracos e enterram seus ovos. É a época no ano em que as onças são visíveis com frequência, pois elas vão às ilhas procurar sua próxima refeição: as fêmeas ou os ovos de tracajá.

Tratar peixe

Depois de pescar, o casal de ribeirinhos limpa o peixe, que é tratado na *tauba* ou no *jirau* durante a preparação da comida da família.

**FOTOS/
PHOTOS**



































REPUBLICA BOLIVIANA

RESERVA EXTRATIVISTA
RIO IRIRI

DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA, GANADERIA Y PESQUERIA

11











setris ♥

Mama
Ana elina
30 Anos

Prod = batista



Amal
Amal! ♥♥♥







organization

Satya Maia Patchineelam

RIVERINE

zazie

WOMEN'S WORDS

Iriri, Amazonia

1ª EDITION



Alagar

Castigo

Cofo

Fog

Garrafada

Mariscand

Onça

Par

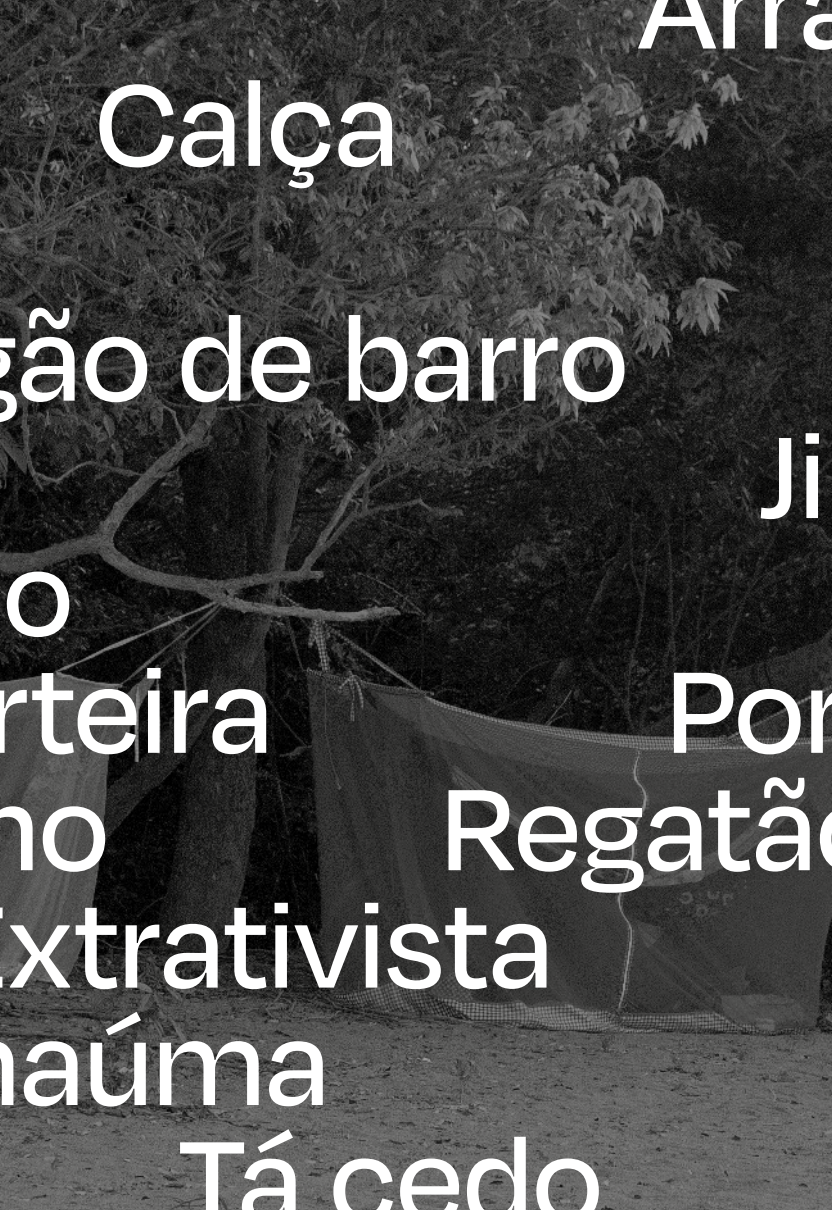
Ranch

E

Roça

Sam

Seringueira



Arra

Calça

ção de barro

Ji

o

rteira

Por

no

Regatã

xtrativista

maúma

Tá cedo

© Zazie Edições

©Humanities Across Borders / River Cities Network
(International Institute for Asian Studies)

PUBLISHERS

Laura Erber
Maria de Andrade

GRAPHIC DESIGN

Anderson Junqueira

COVER IMAGE

Satya Maia Patchineelam

PHOTOS AND ILLUSTRATIONS

Satya Maia Patchineelam

COPYDESK

Angela Ramalho Vianna

PROOFREADING - ENGLISH VERSION

Pedro Vainer

PROOFREADING

Cecilia Andreo

IMAGE PROCESSING

Vijai Maia Patchineelam

zazie

Zazie Edições e Produções Culturais

Zazie Sharing Knowledge for Democracy

r. Goethe, 5 / 301 - Rio de Janeiro / RJ - 22.281-020 - Brasil

zazie@zazie.com.br

www.zazie.com.br

In memory of Raimunda Gomes, one of the most venerable inhabitants of the riverside region of the River Iriri. Dona Raimunda, a custodian of extensive knowledge, was a source of stories and myths about the area. With deep respect, we announce her passing, which transpired mere days following the approval of this project.

COLLECTION
**A book
of words**

This publication is an initiative of the Humanities Across Borders (HAB) of the International Institute for Asian Studies Leiden, The Netherlands, a program developing place-based, collaborative pedagogies and resources relevant to participation in a global civic society.

In the spring of 2023, HAB launched the Wordbook Series project focusing on linguistic interactions between HAB researchers in Brazil, India, Netherlands, Mali and their local collaborators. HAB wordbooks inhabit the in-between world of words (nouns, verbs and phrases) as they are spoken and used in different socio-cultural and geographical contexts. Unlike dictionaries, glossaries, lexicons, and dictionaries, wordbooks make visible and audible the communicative routines and affective practices (such as reminiscing, longing, disclosing, retelling, crossing, negotiating), that are part of everyday speech exchange.

Foreword

AARTI KAWLRA

Humanities Across Borders Programme
coordinator/International Institute for Asian Studies

Words of Riverine Women is among the first in a series of Wordbooks developed by the International Institute for Asian Studies (IIAS), in Leiden The Netherlands. Each booklet is a selection of words extracted from extensive conversations with communities in diverse contexts in Asia, Africa, Europe and the Americas. As multi-lingual compilations, these Wordbooks are examples of how spaces of dialogue, when nurtured one word at a time, may be transformed into vehicles for shared meaning between narrative researchers and their local collaborators.

Inhabiting the gaps between worlds, each Wordbook is an array of emotions, intentions and meanings engendered through informal group discussions as well as candid interviews with in-

dividuals in their own socio-ecological environment. Each linguistic utterance chosen here is a world in itself, revealing stories word by word, helping break down the barriers of inter-personal and inter-cultural exchange, and shed light on the life-world of the speakers themselves.

Words of Riverine Women is the result of a long and cherished collaboration between two IIAS-promoted programs which develop community-based approaches in higher education. Both the Humanities Across Borders (HAB) program (<https://humanitiesacrossborders.org/about>) and the River Cities Network (RCN <https://www.river-cities.world/about>) comprise individuals and institutions that aim to build sustained relationships of mutuality with their civic partners. Both initiatives work in spaces of creative confluence between academia and society to incorporate the perspectives of lived experience into the production and dissemination of knowledge.

Yet, it is the bountiful seedbed of the IIAS which has enabled us to come together and collaborate, not only with one another, but also with Zazie Editions, which designed and released the book

now available in a bilingual edition, in Portuguese and English. Introduced to us by its co-founder Laura Erber, who is part of the IIAS team, Zazie is, in our view, an avant-garde publishing house, working with alternative editorial models and collaborating with radical Brazilian artists and writers.

The photographs provide readers with a sense of place and belonging to each of the 40 words narrated in this booklet. Finally, Satya's long-term bond with women of the Iriri and Xingu River region in Para, is no doubt the bedrock that elevates this simple methodological experiment on the storytelling of words to another level.

A few words

PAUL RABÉ

River Cities Network Coordinator
International Institute for Asian Studies

As the network hosting the research project by Satya Maia Patchineelam on the Xingu River in Pará, the River Cities Network (RCN) is proud to collaborate with the Humanities Across Borders (HAB) program and Zazie Editions on this Workbook on Words of Riverine Women.

RCN brings together multi-disciplinary teams from all over the world, which are united by their desire to revitalize their local rivers or waterways through a combination of research and ethnography, pedagogy, activism, and targeted interventions. RCN responds to the complex, interrelated crises facing most rivers and waterways in the world today, especially those in and around cities, where river degradation caused by Anthropocene impacts is most severe.

Rivers function like arteries in the body, providing the world's ecosystems with critical freshwater resources that sustain a higher biodiversity per square kilometer than almost any other ecosystem on the planet. These unique water bodies also play an essential role in the economic and socio-cultural life of human communities, both in history and in the present. And yet, the relationship between humans and their rivers today is at breaking point. Rivers, creeks, and canals are being buried, cut into pieces, diverted, mined, and polluted, thereby threatening countless species and endangering the food security, livelihoods, and cultural traditions of millions of people. These challenges are exacerbated by climate change, in the form of flooding, drought, and unpredictable water levels and quality.

The philosophy of RCN is to approach rivers and waterways as socio-natural phenomena — as natural arteries shaped over centuries by human efforts, both constructive and destructive. Our twin objectives are to strengthen biodiversity of riverine environments and to improve justice for riverine communities, for humans, flora, and

fauna. We are convinced that restoring the health of our rivers requires knowledge and actions from across the disciplines, and with all riverine stakeholders. It is this diversity of engagement, the uncovering of different histories and voices, that is at the core of the Xingu River team's work in RCN. It is my hope that this Wordbook can help to guide and inspire the other teams in our network, and far beyond.

Introduction

**SATYA MAIA
PATCHINEELAM**

River Cities Network team and the
coordinator of the Irii research project

What motivated me to return to the Iriri River was the need to listen to the voices of the region's elder women, collecting their stories, myths, tales, and experiences.

During my doctoral journey, while interviewing families in the Xingu River region, I realized that many of those families originally came from the Iriri River, and the elderly still lived in that region. Unlike the Middle Xingu, where behaviors and speech were more visibly altered due to the construction of the Belo Monte dam, the women of the Iriri River still follow a strong riverine tradition that involves customs and ways of expression. The women of the Iriri River, as I choose to call them here, live with little contact with urban centers, which has undoubtedly

been important for the maintenance of some of their customs.

Therefore, one of the reasons to go to the Iriri River was to understand the transformations and negative impact that occurred in the Xingu River by drawing on the experience of communities that were not as affected by the disruption of the river for the construction of the Belo Monte hydroelectric plant. This allowed me to understand the before and after of the formation of the reservoir.

It is important to mention that this project materialized only after presenting the proposal to the riverine community of the Iriri River. Initially, they were suspicious of the project's intentions and concerned that it would be yet another instance of information extraction that would yield no results or benefits for them. When it was explained to them that the outcome would be a book woven by the voices of riverine women and that the books would be sent to every community and school in the region, they agreed to allow me and my team to enter the Iriri Extractive Reserve.

I have been working with riverine women from the Xingu River for almost a decade, and this has allowed me to understand their language and their way of expressing themselves—when and how words are used and how they are embedded in their worldviews. This field research was conducted in tandem with data collection for the River Cities Network research in August 2023. My team and I traveled from Altamira to the Triunfo community on the Iriri River, where Dona Raimunda Gomes and her family house were located. Dona Joana Gomes, the daughter of Dona Raimunda Gomes, is part of the team, and she had not been back to her community for 43 years. She left Iriri at the age of fifteen and moved to the city of Altamira with her husband Lindolfo Aranha.

Along with Dona Joana Gomes and Mr Lindolfo Aranha, we traveled from the Triunfo community downriver towards the city of Altamira, visiting all the communities where the elder women live. We had the opportunity to hear the stories of these women, share a meal or a cup of coffee with them, and even stay for a day or two in their communities. For the majority of the women, it

was the first time they had been interviewed or spoken to by researchers. It was a unique learning and experiential experience for everyone involved.

During the field research period, I collected 40 words that I heard frequently. The language used was Portuguese, and many of the collected words are widely known and used in other regions of Brazil. However, some words seem to be more specific to the context of riverine conversations and life.

The photos were taken inside and outside the boat, inside and outside the communities, during walks in the forest and in the fields, during meals and coffee. They represent the moments and spaces where data collection occurred.

I would like to thank the riverine families who opened their doors to us, allowing us to spend a day or more with their families.

I would especially like to thank Dona Joana Gomes for accompanying me and opening doors that I could never open. Followed by her Lindolfo Aranha for taking care of us and Geysiane Costa e Silva for her spirit of collaboration and invaluable knowledge.

I express my appreciation for the riverine women who shared their stories and memories with us: Dona Marlene e Dona Marilene (Triunfo community), Dona Cleia (Cachoeirinha community), Dona Maria (São Lucas community), Dona Lindalva (Nova Olinda community), Dona Mocinha (Barro Vermelho community), and Dona Raimunda (São Francisco community).

It was an immense privilege to listen to the women of the Iriri River communities and share, however briefly, in their daily lives and activities.

40 words*

1. Alagado
(to flood/to
almost drown)
2. Alagar (flood/
inundation)
3. Arear panela
(to sand the pan)
4. Arranchar
(bivouac)
5. Banco das
damas (ladies'
bench)
6. Calça (trouser)
7. Canela de
ferro (iron Shin)
8. Castigo
(punishment)
9. Cinturinha
de pilão (dainty
pestle waist)
10. Cofo
(wicker basket)
11. Farinha
(manioc flour)

12. Fogão de
barro (clay oven)
13. Garimpo
(gold panning/
artisanal mining)
14. Garrafada
(bottled elixir)
15. Índio bravo/
caboclo (mean
or angry indian)
16. Jirau (wooden
table in the river)
17. Mana (sister
or sis)
18. Mariscando
(clamming/
fishing)
19. Óleo
de babaçu
(babassu oil)
20. Onça
(jaguar)
21. Palafita (stilt
house)

22. Parteira
(midwife)
23. Pedral (rocky)
24. Porto (port)
25. Queimada
(deforestation)
26. Rancho (food)
27. Rede
(hammock)
28. Regatão
(boat from which
goods are sold)
29. Resex/
Reserva
Extrativista
(Extrativist
Reserve)
30. Rezador
(precant)
31. Roça (field)
32. Salgar (to salt
or salt cure)
33. Samaúma
(samauma tree)

34. Sequidão
(drought/dry
season)
35. Seringueira
(rubber tree)
36. Tá cedo (it's
early)
37. Tauba
(wooden
worktop)
38. Teto de palha
(thatched roof)
39. Tracajá (river
turtle)
40. Tratar peixe
(to treat the fish)

Alagado

(flooded)

An expression used to describe instances in which a boat capsizes or a person falls in the river and almost drowns.

Arranchar (encamp)

When traveling by boat for many days, an island is chosen for people to arranchar at night. The island must have tall and long-limbed trees to support the campers' hammocks and mosquito nets. A swathe of vegetation must be cleared out to stave off potentially dangerous wildlife. Some people spend more than one night in these islands, and it can also serve as a place for leisure.

Banco das damas (ladies' bench)

A bench built around the dancing floor, where the women sit and wait for the men to invite them to dance. Family rules dictate that the women cannot refuse the invitation. Women who were unhappy with their dance partners would dance off beat and would purposefully step on their toes so they would not be asked to dance again.

Calça (pants)

To protect themselves, women would wear pants instead of skirts and put their hair up to disguise themselves as men when working the *roça* or field. While these women were out working, their children would be left home alone, locked in. This was a practice they developed to protect themselves from the *índio bravo/caboclo*.

Canela de ferro (iron shin)

Hardworking women are called 'iron shins', women who daily carry out laborious work in the fields. Those women would do the housework and also work in the roça (field) to provide food for the household while the men were off traveling to support their families financially.

Castigo (punishment)

People believed that God would punish those who partook in wicked acts. God would transform these people into animals, or plague some part of their body with parasites.

Cinturinha de pilão (dainty pestle-waist)

Young women with their dresses and thin waists. People find it elegant and praise these women by saying they have a cinturinha de pilão.

Cofo

(wicker basket)

The riverine people made wicker baskets with dried vines, which they used to carry crops when working the *roça*. Cofo is held carried on one's shoulder and neck.

Farinha

(manioc flour)

A common ingredient in riverine cuisine. It is eaten together with meat or fish, rice and beans.

Often, farinha is eaten plain as a side for meat or fish. It is also produced by riverine families. The manioc plant is cultivated and harvested, after which, following a week of arduous work at the farinha house (casa da farinha),

the flour is finally ready for consumption. Some families make only enough for their own household, others sell their surplus.

Fogão de barro (clay oven)

The women would set off in search of clay deposits near their community to build their ovens, this firewood oven is usually located outside the house and are molded by the women themselves.

Garimpo

(gold panning/
artisanal mining)

Many riverine people, mostly men, worked in the garimpo extracting gold, while the women stayed home caring for the children and doing housework. If and when women worked in the mines, they'd work as cooks.

Garrafada

(bottled elixir)

A mix of medicinal roots and plants stored in water bottles, meant to be drunk throughout the day. These medicinal elixirs are used to cure kidney stones, high blood pressure, cancer, menstrual pain, diarrhea and other illnesses.

Índio bravo/ caboclo

(mean or angry
indigenous man)

Indigenous people who did not speak Portuguese at the time when the riverine occupied their lands.

These indigenous people protected their lands and attacked riverine houses, often while the women and children were alone inside their homes, unprotected by the “man of the house”.

Jirau

(wooden table)

A wooden table placed on the shallow waters by the riverbank near the port, used by women for cleaning fish, and for washing clothes and dishes.

Mana (sister or sis)

Short for *irmã* or *hermana*, meaning sister in Portuguese and Spanish. In Irii the word is used when women are gathered together and interact with each other without using their first names.

Mariscando (clamming/fishing)

To feed their families, riverine couples would take their boats and navigate down or up the rivers to catch fish.

Óleo de babaçu (babassu oil)

A product extracted, mostly by women, from the seeds of the babassu palm. Both men and women collect the seeds or nuts, but the men are responsible for transporting them to the spot where the women crack it open, remove the meaty insides, and extract its oil, which they use for cooking. In the past, the oil was

used exclusively by the family of the woman who worked on its extraction. Nowadays babussu oil and flour are widely commercialized.

Onça (jaguar)

Roughly fifty years ago, before their sale was made illegal, jaguar skins were widely commercialized. Currently, the population of jaguars has grown and they share their space with riverine communities. People are both scared and respectful of these felines.

Palafita

(stilt house)

Riverine houses are made with wood found in the forest. Riverine people built their houses themselves, raised off the ground on stilts to avoid flooding by the overflowing rivers during the rainy season.

Parteira

(midwife)

This person would be called to assist riverine women in childbirth. The parteira, usually a woman, is responsible for the birth of almost every riverine child in the region. They are practiced in dealing with difficult pregnancies and know much about infant healthcare. The riverine women trust in the skills and knowledge of these women to bring their children safely into the world.

Pedral (rocks)

The rocks or bedrock over which the river flows, which become more prominent during the dry season. These rocks are dangerous and respected. Only the pilot who hails from the region knows where the location of these rocks and how to circumnavigate them. These rocks often hold small (ornamental) fish that are caught by the expert riverine divers and commercialized abroad.

Porto (port)

The shallow riverbank waters in front of riverine houses where boats are moored and where the *jirau*, used for washing clothes and dishes and cleaning fish, is set down, and where children are often seen playing.

Queimada (slash-and-burn)

When the forest is burned, illegally deforested by humans. Queimadas are more common during the period of *sequeidão*, when rainfall is extremely low. When an area is cleared for plantation. To prevent the spread of fires, the area is separated from the forest. This technique is used to renew the soil for the corn and manioc plantation and is carried out during the dry season.

Rancho (food)

Riverine men and women were often paid in food (rancho) for their work in rubber extraction. With the rancho, they could complement the crops harvested from the *roça* and feed their families. Rancho can also be bought off the *regatão*.

Rede (hammock)

The riverine people sleep in redes, or hammocks, rather than beds. It is common for houses to have exposed beams and pillars on which to hang their redes, which are usually draped over with the mosquito nets to protect the sleeper from insects.

Regatão

(a boat from which goods are sold)

This boat would pass by riverine houses various times during the year selling personal and household items that cannot be found in the forest. The boat's crew would also teach the riverine kids a bit of reading and writing. The children would take advantage of the opportunity, since schools were not available to them at the time.

Resex/ Reserva Extrativista (Extractive Reserve)

An Extractive Reserve is a protected sustainable area, whose objective is the preservation of the livelihood and traditions of its inhabitants, allowing people to continue their sustainable way of living by drawing on the protected land's natural resources.

Rezador (precant)

When a person is very sick, the family calls on the rezador to come to their house to pray for the sufferer's health. It is believed that a rezador can cure illnesses or help women experience difficulties during labor by praying.

Roça (field)

Every riverine family has its own family field or plantation plot. Vegetables, fruit trees and various crops are planted in a roça in order to feed the family. Some fields may be bigger, yielding more food than the family can consume. Therefore, families whose homes aren't so remote often commercialize the surplus crops.

Salgar

(to salt or salt cure)

Due to the lack of electricity or the inconstancy of diesel generators, it is customary to salt the fish or game meat, preserving it for long-term storage. The fish or meat are salted and then hung for two days or more to dry out in the sun. Once the curing process is done, the fish or other game meat can be stored.

Samaúma

(samauma tree)

A tree whose branches hold drinkable water and provides food for the tracajás and fish in the rivers. This species of tree grows near or on riverbanks, and their fruit drops straight into the water, feeding the wildlife. The wind can carry its seeds far off, thus fertilizing distant stretches of the riverbank.

Sequidão

(drought/dry season)

A period of very low rainfall, leading to a decrease in the river's water level. A period synonymous with hardship, in which fish and plants die, and in which traveling by boat becomes harder and more dangerous due to the *pedrais*.

Seringueira (rubber tree)

During the Second World War, and given a steep rise in global demand, many men and a few women left Northeast of Brazil and traveled to the Amazon Forest in order to work harvest rubber. People that were lured by their employers with promises of well-paid jobs found themselves grappling with the dense forest

and the índio bravo/caboclo. When the war ended, these people were left behind in the forest by their employers and were forced to make a life for themselves in that harsh environment. Known as the rubber soldiers, these men started families and carried on with their lives by the riverbanks.

Some of them got married,
others took up live-in partners,
and still others kidnapped
indigenous women from their
tribes, forcing them to take on
the riverine life.

Tauba

(wooden worktop)

A wooden box-like extension found in kitchens for washing dishes and cleaning and seasoning fish. A bucket of water is placed atop the surface to make the activities easier. The wastewater drains out the box straight to the ground.

Tá cedo (it's early)

The houses are located on the riverbank of the Iriri River, far away from the cities, in isolated areas. Visitors pass by to visit the community. When the visitor announces that they need to leave, the women, who are enjoying, this visit usually say "Tá cedo!" – hoping the person will change their mind and stay a little longer.

Teto de palha (thatched roof)

The thatched roofs of riverine houses are made with babassu fibre. This kind of roofing requires a lot of time and patience, as the fibres have to be braided together. The roof has to be redone every three years.

Tracajá

(river turtle)

The tracajá is found all over the Iri River. In the month of August, female tracajás swim to a sandy island, where they dig holes and lay their eggs. It is the season where the jaguars are spotted more frequently, seeing as they go to the islands in search of their next meal: turtles or turtle eggs.

Tratar peixe (treat the fish)

After catching the fish, riverine couples would gather together to clean it. They would clean the fish either on the tauba or the jirau, prior to cooking.

Impresso na Indonésia pela
PT Intensif Books, para a ocasião
da realização da International
Convention of Asia Scholars
ICAS#13, intitulado Crossways
of Knowledge, realizado em
Surabaya, entre os dias 28 de
julho e 1 de agosto de 2024.

*Printed in Indonesia by PT
Intensif Books, for the occasion
of the International Convention
of Asia Scholars ICAS#13,
titled Crossways of Knowledge,
held in Surabaya from July 28 to
August 1, 2024.*

PT Intensif Books Indonesia
Jl. KH. Achmad Faqih 18
Bangkalan 69115

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P294p Patchineelam, Satya Maia.
Palavra de mulher ribeirinha [livro eletrônico] :
Irirí, Amazônia / Satya Maia Patchineelam. –
Rio de Janeiro, RJ: Zazie Edições, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-997971-6-3

1. Língua portuguesa – Regionalismos – Irirí,
Comunidade ribeirinha do (Amazônia). I. Título.

CDD 469.79

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

